

ÁREA TEMÁTICA: SUBJETIVIDADES COLETIVAS, MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR

A ESCOLA QUE QUEREMOS” O DEVER-ESCOLA NA EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO

Robson Guedes da Silva¹;
Diogo Pedro da Silva Fernandes²

¹Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco,
e-mail robsonguedes00@hotmail.com; ²
Graduando em Pedagogia pela Faculdade Joaquim Nabuco,
e-mail dpsfernandes@outlook.com

RESUMO:

INTRODUÇÃO: Podemos a partir das narrativas dos estudantes que protagonizaram o movimento de ocupações nas escolas e universidades no estado de Pernambuco, que se consolidou também em vários estados do país, possuindo dentre seus objetivos o protestar contra a aprovação na Câmara dos deputados e no Senado federal da Proposta de Ementa Constitucional 55 (PEC 55), que visa o congelamento dos investimentos em saúde e educação por 20 anos, bem como, contra a medida provisória de reforma do Ensino Médio (MP 746). As ocupações detinham também outras pautas locais em suas respectivas unidades de ensino, todavia, reverberavam em uma mesma insatisfação: a precarização da educação no Brasil. Assumimos então nesta pesquisa a seguinte questão: quais são as narrativas dos estudantes das ocupações acerca da escola que desejam? **METODOLOGIA:** Esta pesquisa se nutriu de entrevistas narrativas com estudantes secundaristas participantes do movimento de ocupações contra a reforma do ensino médio e a PEC 241/55. Tendo por objetivo, entender a partir das narrativas dos estudantes a concepção da escola que eles desejam e bem como a socialização das experiências obtidas durante o movimento de ocupações. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** A escola enquanto instituição, em seu decorrer histórico sempre possuiu o caráter normatizador e excludente, com um currículo que muitas vezes não contempla a realidade dos estudantes, tampouco se preocupa em tornar os sujeitos que nela habita, emancipados e conscientes de si. Não obstante, revela em sua estrutura física precarizada, a despreocupação do poder público com a educação e seus sujeitos (docentes e discentes). Precisando refletir a partir desse movimento político, quais as concepções que possuem de escola, de ocupação, além de seus anseios enquanto sujeitos em formação. A partir das narrativas dos estudantes se pôde evidenciar o acontecimento das ocupações enquanto experiência, concatenando com Jorge Larrosa (1999) quando afirma que “a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar [...] (p.24). Podendo com isso, perceber o surgimento da experiência de uma escola dever, onde os estudantes tornam realmente público um espaço que no imaginário social é público, contudo, segrega e discrimina. Quando a praça é habitada, o público ganha vida, deixa a morbidez de lado e torna-se

público também. Seria esquisito pensar o público realmente público? Seria inacessível pensar uma escola sem grades? Seria difícil pensar alunos tomando para si, não o espaço físico da escola, mas a escola enquanto discurso corpo? Ou é melhor encerramos as estonteantes esperanças das ocupações como nova primavera estudantil- onde o sol do desassossego os tomou conta, a sede do conhecimento não-formal os inquietou e a cegueira do sentimento de incapacidade não os turva mais-para tão somente teorizarmos sobre esse belo e bélico fenômeno? É verdade que, para além dessas palavras que serão ditas, as reverberações do dito e vivido pelos estudantes, com certeza ecoará mais do que essa pesquisa conseguirá fazer. Esse pergaminho teórico que desde de sua essência já possui críticas no seu intuito de existir, surge no sentido de objetivar que a academia legitime com seu poder o que nas ruas tomadas e nas escolas ocupadas já se evidencia enquanto produção de saber e criticidade de uma escola devir. A escola, fadada a destruição, tem em suas paredes pálidas o diagnóstico de quem brevemente morrerá. Não há sangue a pulsar, não há ares de libertação, logo, quando ela não oprime, regula e controla: morre. Perde sua função histórica. Professores presos a sala de aula, reivindicam de seus alunos - agora emancipados - que retornem ao aconchego desaconchegante do silêncio da sala, onde a única voz que ecoa não é das palavras de ordens, mas sim da indicação da página que deve se prosseguir a leitura prescrita no livro com demasiados conteúdos que para os alunos muitas vezes pouco ou nada soam como interessantes. Docentes cansados de lutar por já ter sofrido -leia-se apanhado- demais, greves sindicais com pontos e salários cortados, profissão explicitamente desvalorizada com um cenário de especulação demagógica “viva o ensino nacional” dito aqui e ali pelos governos que vem e vão e nada fazem em prol da educação. Cansados! Sim! E, como Sócrates aceitando a cicuta, assim muitas vezes os docentes recebem a sala de aula. Lugar envenenado de conteudismo, reprodução e opressão. Cuidado! Olhai a fila das cadeiras: simétricas! Percebei o silêncio: obrigatório! Adoece o aluno, morre aos poucos o professor. Pouco a pouco se percebe a construção da certidão de óbito da escola. As grades tremem, enferrujam e sucumbem. Que morra então. **CONCLUSÕES:** Podemos a partir dessa pesquisa elucidar as ocupações enquanto movimento político que nos possibilita entender a necessidade de pensar um devir-escola, percebendo a partir das narrativas dos estudantes - em suas insatisfações referente ao currículo escolar, a precarização do ensino, a escola enquanto território político de regulação e opressão, construída em toda sua história como instituição- o surgimento de uma cidadania micropolítica, onde o público é efetivado como público a partir das percepções de pertencimento referentes a escola.

Palavras-chave: Escola; Ocupações; Experiência.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. **Conversações**. Belo Horizonte: Editora 34, 2013.
- LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana. Danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LAROSSA, J. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.